

1904-2004 centenário do nascimento de Armindo Rodrigues

Nascido em Lisboa (1904-1993), em cuja Universidade se formou em Medicina e exerceu a actividade clínica em largos anos de profissão, Armindo Rodrigues sempre esteve ligado aos meios políticos e culturais no combate activo ao fascismo salazarista e marcelista, tendo colaborado em diversos jornais e revistas literárias. Toda a sua obra poética, reunida em 18 vols. entre 1970-1986, revela sem dúvida na opinião crítica de Óscar Lopes, *?adentro do neo-realismo a voz de um actualizador de velhas tradições, sobretudo lírico-epigramáticas e sentenciárias?.* Mas na visão humanista e dialéctica do mundo e da vida sempre se povoou numa plena lucidez na abordagem do seu próprio tempo e por isso, como observou Jacinto do Prado Coelho, cada um dos seus poemas *?requer uma leitura em função de todos os outros, pois nos surge como fugaz momento de uma dialéctica vital que transborda dos limites dos seus livros?.* porque

*Em cada pensamento estou inteiro.
Inteiro estou no mínimo protesto.
Inteiro estou no mínimo desânimo.*

Ainda na lembrança de tantas vezes o ver subir e descer o Chiado, sempre com o estetóscópio debaixo do braço, disponível para servir de argumento em caso de qualquer ofensa ou insulto, como algumas vezes aconteceu depois de Abril ter chegado, nunca soube ao certo se o que mais me agrada e cativa na poesia de Armindo Rodrigues é a sua evidente força irónica ou a carga lírica e emocional, com evidentes ressaibos lorquianos vislumbrados no conjunto da sua poética, ou a simpatia pessoal que desde longe tive por quem de algum modo me ensinou a olhar o Mundo para lá das quatro paredes da própria solidão.

Guardo do poeta de *Quadrante Solar* a memória de saber, há muitos e largos anos, que pelos caminhos de descoberta de autores que foram da minha preferência, alguma coisa fiquei a dever a Armindo Rodrigues na leitura de livros por si fielmente traduzidos (Malraux, Fournier, Chokolov, entre outros), na paixão e entusiasmo dessas coisas, e assim aprendi a olhar e a admirar a "obra poética" de quem, por entre uma certa timidez e humildade, quase pedia licença para existir como poeta e nunca foi capaz, ao longo de quase noventa anos de vida, de abandonar a sua "barricada". E, por entre o convívio silencioso dos poemas, na frontalidade das suas posições ideológicas, das muitas "histórias" contadas em redor, refiz o "mito" de saber da sua existência nos encontros de acaso pelas ruas e livrarias lisboetas do Chiado - a Medicina sempre no caminho do Poeta, numa outra forma de ter voz e saber assim estar na vida e na poesia.

Pertencendo à corrente neo-realista desde o seu primeiro livro *Voz Arremessada ao Caminho* (1943), Armindo Rodrigues ergueu durante cinquenta anos uma *Obra Poética* que se impõe na fulgurância da sua expressividade e merece ser hoje relida sob um outro olhar, não só na perspectiva do seu alinhamento ideológico, que cedo se revelou coerente e firme nas linhas cruzadas de atitudes e posições próximas do neo-realismo dps anos 40 e 50, mas sobretudo pela importância literária de que toda ela se reveste. Ou no sentido dialéctico de sempre inquirir a realidade social e humana que o envolvia, sabermos ainda que na vida e na poesia Armindo Rodrigues ergueu a voz, *falou alto* e com justiça, participou corajosamente no acto de emendar o rumo da História que, como poucos de nós, viveu por dentro nas linhas cruzadas da própria vida e do tempo que lhe coube viver:

*Toda a justiça é injusta, porque julga,
toda a ordem desordem, porque impõe,
toda a verdade errada, porque muda.*

Ora, pela importância poética do seu "exemplo" e ainda na justeza das posições que soube assumir, na verticalidade de ter sido um grande e bom companheiro de muita gente, lembramos que Armindo Rodrigues foi um velhoromeiro que agora saúdo na passagem do primeiro centenário do nascimento e na releitura de muitos dos seus poemas, neste modo de o reencontrar e ver que à volta não anda hoje muita gente ou os leitores não lhe fazem companhia.

Mas se a vida defendeu o Poeta e consente-nos, para nosso íntimo prazer, que escutemos a voz que ainda se ergue na defesa de valores que em consciência não traiu, e no sonho com que encheu as horas do seu fadário:

*O sonho e a vigília andam a par.
A par o que se nega se promete.
Nada é nada, se apenas se afirmar.*

Assim, só nos resta estender a mão em saudação fraterna e reler alguns dos poemas de Armindo Rodrigues que nos ficaram como memória de quem, na forma desejada de um sincero ou propositado "apagamento" pessoal,

continua a estar no nosso caminho, na certeza de que o eterno mistério da poesia (e da vida) sempre se alcança neste mundo. E ainda em memória de Jacinto do Prado Coelho, que foi um excelente estudioso da nossa literatura, evocar estas palavras sobre o Poeta de *Romanceiro*:

"Voltada ideológica e emocionalmente para o futuro, trazendo até nós, viva, uma longa e variada tradição, a obra de Armindo Rodrigues parece querer significar que não é arrancando as raízes culturais dum povo que o seu futuro se constrói".

Por último, dizer que Armindo Rodrigues não merecia estar assim tão esquecido e talvez a celebração dos cem anos de nascimento sirva de algum modo para o trazer ao convívio dos leitores. Mas, ao abrir por acaso um dos volumes da *Obra Poética*, detenho-me sentidamente nesta *Ode ao Tejo* e digo com o Poeta, fitando o rio largo e longo que nos corre aos pés, por entre sinais de tristura e desencanto, mas de esperança redescoberta, na memória saudosa desses dias de Abril já quase perdidos de vista:

*Náufrago entre o passado e o futuro,
um conjuro-o, o outro tento-o depreender.
Mas a ambos os vejo sem os ver.
O que passou faz-me a memória escuro.
O que virá como o hei-de merecer?
(...)
Mudos voltamos ao Rossio onde
há sempre um vão rumor de gente vã.
Torna-me a alegria brusca e sã.
Também depois da noite que nos esconde
Romperá uma lúcida manhã.*